

HISTÓRIA

N.º 31

Maio 1981

Preço 50\$00



China: uma longa marcha

Ascensão de Salazar

Guerra nos sertões brasileiros

o jornal



Pedro Kropotkine — fotografia do outono da vida

A frustrada visita de Kropotkine a Portugal

João Freire

Passado que foi o 60.º aniversário da morte de Kropótkine — a 8 de Fevereiro último — torna-se propositado recordar a imensa influência que o grande teórico anarquista russo exerceu no amadurecimento ideológico do operariado português do princípio do século.

Vamos fazê-lo pontualmente, através da reprodução de um conjunto de cinco cartas trocadas entre Kropótkine e militantes portugueses em finais de 1912, princípios de

1913, quando se encarou a possibilidade de vinda do «príncipe-anarquista» até Portugal — o que finalmente nunca viria a acontecer.

Com efeito, tudo começou com a passagem do 70.º aniversário de Kropótkine — a 9 de Dezembro de 1912 — que provocou uma série de manifestações de simpatia e carinho nos meios anarquistas e operários do mundo inteiro e, para além deles, também por parte de figuras conhecidas da ciência e das letras, entre quem usufruía de consid-

rível respeito. Artigos, discursos, comícios, assinalaram o acontecimento, ao mesmo tempo que chegavam a Brighton, Inglaterra, onde então residia, inúmeras mensagens e telegramas.

É nesta agitação que o jornal *Tierra y Libertad*, de Barcelona, refere o delicado estado de saúde em que se encontraria Kropótkine, a necessitar de um clima suave, e a circunstância de, por falta de recursos, não poder abandonar a Inglaterra. Tal bastou para que em Lisboa, entre os intelectuais anarquistas que estavam preparando o lançamento do jornal *Terra Livre*, surgisse a ideia de promover uma campanha para auxiliar a vinda de Kropótkine a Portugal, onde poderia simultaneamente refazer a sua abalada saúde e proporcionar ao movimento libertário português o seu avisado conselho.

Logo sai um apelo público subscrito por Campos Lima, Manuel Ribeiro, Neno Vasco, Pinto Quartim e Sobral de Campos, bem como a carta directa de Neno para Inglaterra, a que se seguirão resposta e contra-resposta.

Retomemos porém o fio cronológico dos textos: é através d'*A Sementeira* que Kropótkine agradece as várias mensagens de felicitações recebidas de Portugal, antes portanto do surgimento da ideia da viagem:

«Brighton, 20 de Dezembro de 1912.

Caros camaradas,

Permiti-me que recorra às colunas do vosso jornal para agradecer do íntimo do meu coração a todas as organizações sindicais operárias, assim como aos camaradas e amigos insulados, que me enviaram, por carta ou telegrama, palavras cheias de amizade por ocasião do meu 70.º aniversário.

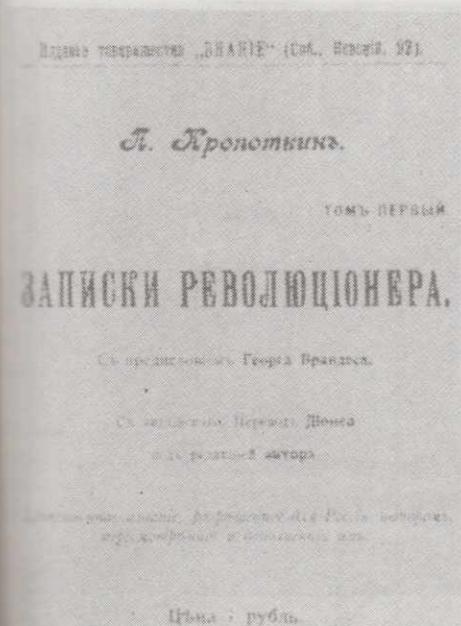
Se pude trazer a minha pequena contribuição à luta pela emancipação dos explorados, é a vós próprios, camaradas e amigos, que o devo. É porque tenho procurado a inspiração para os meus trabalhos nas profundezas das massas populares. E, chegado a uma idade avançada, mais profundamente do que nunca estou convencido de que não existe nem ciência, nem acção util, a não ser a ciência que para as suas conclusões se baseia e a acção que para os seus actos se apoia nos elementos do pensamento — os desejos, as previsões *das massas*. Trata-se apenas de os compreender e de trabalhar para os aplicar na vida. Sem isso, permaneceriam estéréis qualquer trabalho sociológico e qualquer acção.

Ardentes desejos de êxito ao grande movimento que neste momento se opera em Portugal para emancipação do povo.

Do coração vosso

Pedro Kropótkine»

Entretanto, a Imprensa portuguesa começa a divulgar o projecto da mobilização para custear a viagem de Kropótkine. O número de Dezembro de 1912 da mesma *A Sementeira*, ao mesmo tempo que dedica o seu frontespício, com fotografia, a «PEDRO KRAPÓTKINE» (de assinalar esta variação, corrente na época, de Kropótkine para KRAPÓTKINE, que só em Portugal parece ter acontecido), vem a inserir o seguinte apelo:



Capa de rosto da 1.ª edição russa das «Memórias de um Revolucionário», de Kropotkine

Kropotkine e Portugal

«KRAPÓTKINE, nosso hóspede

Camaradas,

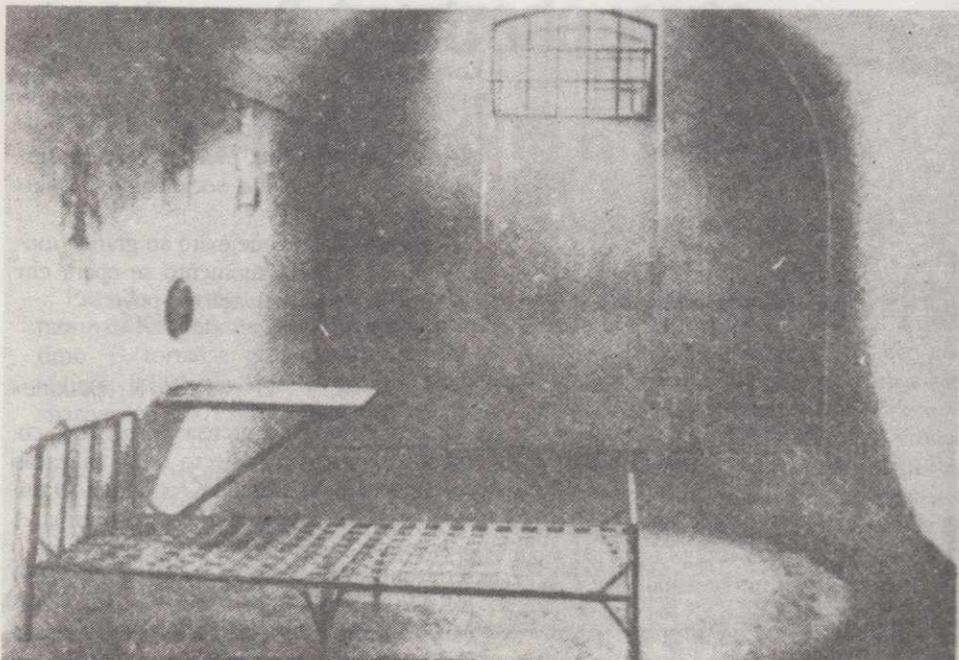
Um dos nossos jornais tornou público que Pedro Krapótkine, necessitando tratar da sua saúde em clima mais benigno que o de Londres, não o pôde fazer este ano por falta de recursos — ele que, para se consagrar à propagação das nossas ideias, abandonou privilégios, riquezas e elevados cargos.

Inútil dizer-vos quem é Krapótkine, e quem é sobretudo para nós. Na nossa grande família libertária, unida por uma vasta aspiração comum, ele é um dos membros mais queridos: para esse laço ideal que nos une contribuiu ele com poderosos esforços; ele é um dos maiores mestres de todos nós. Aprendemos a estimá-lo através das suas belas obras e perante o exemplo incitador dos seus belos actos. Nem só o conhecimento pessoal e o parentesco de sangue fazem as amizades e constituem as famílias.

Não para adular um «chefe» ou um «ídolo», que não temos, nem para «cumprir um

dever» ou «pagar uma dívida», mas para satisfazer uma necessidade do nosso coração, para obedecer à mesma força moral que levou Krapótkine a votar-se de corpo e alma a um apostolado, para dar expansão a um sentimento afectivo, como faríamos convidando um pai ou um dilecto amigo, lembrámo-nos de convidar Pedro Krapótkine a passar entre nós uma temporada, a espensas de todos os seus camaradas e amigos. Pedro Krapótkine será em Portugal hóspede dos anarquistas, de toda a família que as ideias suas e nossas aqui formaram.

Estamos certos de que todos os camaradas apoiarão com ardor esta iniciativa. E se o fizerem todos, como esperamos, a todos será levíssimo o sacrifício pecuniário — leve sobretudo em face do prazer de ter entre nós o nosso amigo e de contribuir para a sua saúde e longevidade. Quinhentos anarquistas, pagando mensalmente uma cota mínima de tostão (ou maior, se o permitirem as posses do contribuinte) e dando de entrada uma soma mais elevada (500 réis, por exemplo), para despesas iniciais e de viagem,



A cela da fortaleza de Pedro e Paulo, em S. Petersburgo, em que Kropotkine esteve preso de 1874 a 1876, e de onde conseguiu evadir-se espectacularmente

poderão gozar esse prazer. E se Krapótkine porventura não vier, o dinheiro recebido será empregado na edição portuguesa de uma ou mais obras suas.

Ninguém faltará! Ninguém deixará de se inscrever e pagar nas redacções dos jornais anarquistas, ou de enviar adesões e cotas directamente ao tesoureiro, Dr. Sobral de Campos, Rua da Vitória, 94, 1.º — Lisboa.

Por um grupo:

Campos Lima; Manuel Ribeiro; Neno Vasco; Pinto Quartim e Sobral de Campos»

Pelos mesmos dias, a carta para Kropótkine dizia o seguinte:

«Lisboa, 12 de Dezembro de 1912.

Meu caro camarada.

Sou encarregado, por um grupo de camaradas, de vos convidar a vir passar entre nós alguns meses de repouso, sob um clima mais suave do que o de Londres.

Perto de Lisboa, onde quase nunca se



Retrato de Kropótkine publicado numa folha suplementar de «A Sementeira». O pensador anarquista era apresentado como «geógrafo, historiador, antropologista, sociólogo e revolucionário»

conhece a geada, onde jamais neva, há sítios encantadores. Do mesmo modo na província do Algarve e ainda em outras regiões. Por toda a parte, em Portugal, achareis lugares que podem convir-vos: montanha ou vale, praia ou águas termais.

Sereis hóspede dos anarquistas, dos vossos amigos, da vossa família ideal. Não recusareis, pois, o nosso oferecimento, que é a satisfação de uma necessidade moral, a expressão comovida de um profundo sentimento de afeição sincera. Vós, caro camarada, é que nos dareis um grande prazer, aceitando.

O *sacrifício* de cada um de nós será, aliás, bem insignificante, — insignificante sobretudo em face da alegria que sentiremos. Na esperança de vos ver aceder ao nosso convite, começamos a organizar-nos a fim de vos garantir em Portugal uma estada agradável e tranquila e de custear os vossos gastos de viagem. Apenas recebida a vossa resposta, completaremos a nossa organização e ocupar-nos-emos da escolha do lugar, segundo os vossos desejos e indicações.

Certamente, não tereis o acolhimento de um Chefe de Estado... — a nossa grande família é pobre, só aspira à *riqueza para todos* — mas tereis em compensação, ao mesmo tempo que um abrigo modesto, um clima doce e um repouso respeitado, o que os chefes de Estado não podem ter: essas amizades bem sinceras, amigos que se dão de todo o coração e sem segundos fins.

Vireis, com os vossos, não é verdade?

Em meu nome e no de todos os camaradas, saúdo-vos muito ternamente.

Neno Vasco.»

Passaram algumas semanas, que chegaram a fazer supor um extravio da *missão*. Porém, a resposta de Kropótkine acabou por chegar:

«Brighton, 19 de Janeiro de 1913

Caros camaradas, irmãos e amigos,

Não sei dizer-vos quanto me sensibiliza-

Kropotkine e Portugal

ram todas as cartas que recebi dos grupos e dos camaradas portugueses, e os votos de felicidade que me enviaram, — e ainda mais o convite que o camarada N. Vasco me transmitiu, em nome dum grupo de camaradas, para ir passar o Inverno em Portugal.

Esse fraternal convite, não sei dizer-vos quanto me regozijaria aceitá-lo, para passar alguns meses, como dizíeis, no seio da nossa verdadeira família.

Sucedeu, porém, caros camaradas, que alguns dias depois do recebimento da vossa carta cai seriamente doente: uma inflamação — dupla — dos pulmões. Por isso é que não pude responder-vos imediatamente.

Há quinze dias que estou felizmente em convalescença, e posso escrever-vos. Mas tenho que abandonar de todo a ideia de uma viagem para tão longe, e deverei ir para algum sítio da Suíça ou da Itália menos afastado.

Mas lá continuarei a estar de coração convosco. As numerosas cartas que tenho recebido ultimamente do vosso belo país revelam um poderoso movimento operário, e para o futuro lerei com profundo interesse *A Sementeira* ou qualquer outro jornal que me envieis. Eu e minha mulher temos seguido com profundo contentamento o despertar do vosso país, e seguiremos agora com funda simpatia a obra de organização das forças operárias tendo por fim a emancipação dos explorados.

De coração convosco

Pedro Kropótkine »

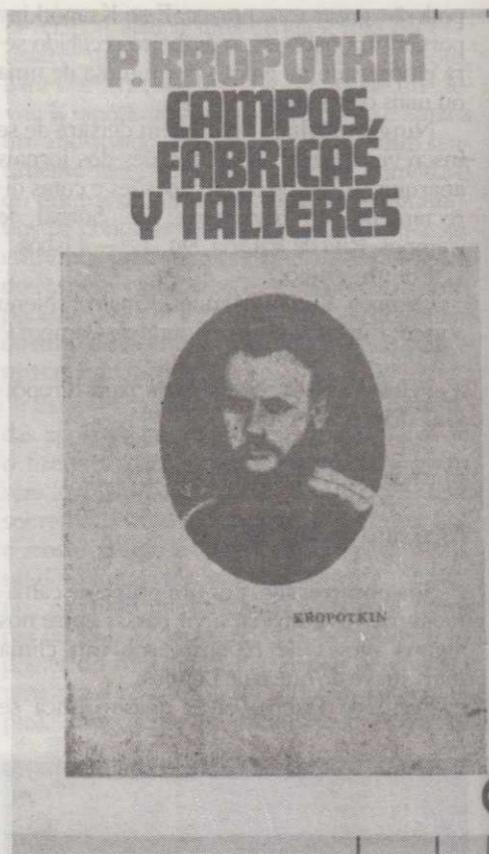
Finalmente, Neno Vasco contra-responde, ainda alimentando evidentes ilusões de poder receber em Portugal o famoso anarquista:

«Lisboa, 29 de Janeiro de 1913

Meu caro camarada,

Transmiti aos camaradas a vossa carta de 19 de corrente. Lamentam profundamente que não possais vir visitar-nos.

A razão que vos impede de vir é demasia-



Kropotkine — retrato da juventude publicado na capa de uma edição espanhola de um trabalho do pensador libertário

damente grave para que insistamos sem impertinência. Sois sem dúvida o melhor juiz das vossas forças e do que mais convém à vossa saúde e ao vosso repouso.

Entretanto, caro camarada, como muito nos alegraria ter-vos entre nós, tomamos a liberdade de vos sugerir que, se podeis viajar por mar, não seria muito longa a viagem; e se preferísseis vir por terra, tomando em Paris o *Sud-Express*, não gastaríeis, segundo cremos, senão algumas horas mais do que para ir à Suíça ou à Itália.

Mas de modo algum queremos sacrificar a vossa saúde ao nosso grande desejo de vos ver e de vos ser úteis; seria irmos de encontro ao nosso fim. Registaremos, pois, a vossa decisão, esperando entretanto que vos se-



Os restos mortais de Kropótkine foram trasladados em 1921 para Moscovo, onde teve lugar na altura uma grandiosa manifestação.

é possível fazer-nos uma visita, se não já, ao menos dentro de alguns meses.

Em nome de todos os camaradas, saúdo-vos de todo o coração, a vós e aos vossos.

Neno Vasco.»

De facto, nem nos meses seguintes, nem mais tarde, Kropótkine pôde concretizar essa viagem. Em Portugal, a situação deteriorava-se para o movimento operário e em breve o jornal de onde saíra a iniciativa, *Terra Livre*, é forçado a suspender a publicação, com o seu director Pinto Quartim preso e, depois, expulso para o Brasil. Na Europa, as nuvens da guerra avolumam-se de tal modo que mobilizam o essencial da atenção dos libertários. Guerra que, por si-

nal, havia de cavar divisões entre eles, inclusive em Portugal, e onde Kropótkine jogou um dos principais papéis.

O veterano anarquista russo não deixara, pois, o primeiro plano da actualidade, pese embora a sua polémica posição de apoio à França democrática.

Referências:

A Sementeira, publicação mensal ilustrada — crítica e sociologia, 1.ª série, volume 2.º, 1911-1913, Lisboa: redacção e administração Rua da Barroca, 94, 2.º; proprietário e director Hilário Marques, editor Ismael Pimentel.

Terra Livre, Semanário Anarquista, 1913, Lisboa: redacção e administração Rua das Gáveas, 55, 1.º; director Pinto Quartim, editor Jaime de Castro.